

Negociação com o Clube de

Paris só em outubro

Paris — O ministro do Planejamento, Delfim Netto, disse ontem que as negociações que o Brasil pretende fazer com o Clube de Paris para discutir o refinanciamento de parte de sua dívida externa não vão começar antes de outubro próximo. Isto porque o Clube de Paris, integrado por vários credores do Brasil, primeiro “deve fazer uma reunião preliminar e depois realizará uma reunião com o Brasil, provavelmente em outubro”, disse o ministro.

Funcionários do governo francês disseram, porém, que o Brasil pediu a seus credores ocidentais o refinanciamento do serviço de sua dívida externa, o reescalonamento abrangerá, segundo as mesmas fontes, os juros de empréstimos de Governo a Governo e créditos garantidos oficialmente que não foram pagos este ano e vencem em 1984. O volume compreendido em 1983 é calculado em torno de 500 milhões de dólares, enquanto para 1984, se acredita que totalizará cerca de um bilhão de dólares.

Em encontro com a imprensa, após reunião de meia hora com o ministro das Finanças da França, Jacques Delors, Delfim Netto não quis revelar quanto da dívida brasileira será renegociada com o Clube de Paris e nem quis dizer quais seriam as condições que serão discutidas com esse grupo, tais como taxas de juros e períodos de carência. “Isto nós vamos ver depois da reunião preliminar que eu não sei quando será realizada”. Funcionários do Clube de Paris afirmaram, porém, que para que sejam realizadas negociações entre o Brasil e o Clube é necessário que terminem com êxito os entendimentos entre o governo brasileiro e o Fundo Monetário Internacional (FMI). Esses acertos estão relacionadas com o programa de austeridade econômica, orçamentária e tributária que o FMI exigiu ao Brasil para a aprovação de novos empréstimos.

O ministro do Planejamento não quis fornecer, também, detalhes sobre as conversações que disse ter mantido com o diretor-geral do fundo Monetário Internacional, Jacques de Larosière. Não revelou nem mesmo o local em que o encontro teria ocorrido com De Larosière, habitualmente baseado em Washington, sede do FMI. Embora sem confirmações, ele teria suspenso suas férias na Europa para se encontrar com o ministro brasileiro em Paris.

“O FMI não impôs condições”, disse Delfim, comentando que o programa brasileiro não é diferente do da maioria dos países em época de crise. Ele explicou que o programa econômico do país é “coerente e funcional”, prevendo uma taxa de expansão monetária de 90 por cento este ano e o retorno ao equilíbrio orçamentário do déficit público depois de uma redução drástica, em 1984, com relação a este ano.

Nos círculos franceses do setor econômico comentou-se a “serenidade” de Delfim Netto, que excluiu qualquer “moratória unilateral do Brasil”. Ele abreviou repentinamente sua visita (que incluía Londres e Frankfurt) e aproveitou sua estada em Paris para conversar por telefone com “alguns banqueiros amigos”. Ele deverá regressar ainda hoje ao Brasil.

Delfim Netto informou, também, que encerraria sua viagem pela Europa sem se reunir com o Clube de Paris, pois o fizera com um de seus membros, o diretor do Tesouro Francês, Michel Campdessus.

Os novos recursos estimados para este ano, da ordem de US\$ 3,5 bilhões, não serão fornecidos apenas pelos bancos internacionais privados, como revelou hoje alta fonte do governo, mas também por organismos internacionais, como o Banco Mundial e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

A renegociação do serviço da dívida contraída pelo Brasil junto aos países membros do Clube de Paris poderá minimizar essa necessidade de recursos adicionais, embora o governo ainda não tenha projetado essa alternativa nas tabelas encaminhadas aos bancos credores.

A montagem do novo esquema de refinanciamento da dívida externa brasileira, segundo a fonte consultada, partiu de números realistas, até mesmo conservadores, sobre o desempenho da economia mundial e das possibilidades de recuperação dos preços dos principais produtos de exportação do País. A renegociação dos juros da dívida não foi incluída em qualquer projeção técnica preparada para os economistas do Subcomitê, coordenado por Douglas Smea.

A nova programação não prevê, ainda, uma perspectiva de crescimento para os níveis de produção interna. O Produto Interno Bruto (PIB) seria próximo a zero em 1984, mas considerando-se também a possibilidade de dois pontos negativos ao final do próximo ano.

Conta-se com uma margem mais folgada para o desempenho do setor privado, na medida em que as importações do setor cresceriam em até 20 por cento, graças ao corte de US\$ 1,3 bilhão nas compras de petróleo e na compressão das importações do setor estatal.

A nível do balanço de pagamentos, o déficit em transações correntes previsto para este ano é da ordem de US\$ 7,7 bilhões, calculando-se uma recuperação significativa em 1984, quando o déficit estaria situado em US\$ 6,3 bilhões.

As estimativas para o superávit da balança comercial chegam a US\$ 9 bilhões em 1984, conservando-se a previsão de US\$ 6,3 bilhões para este ano, embora o governo já esteja convencido de que os números da balança em 1983 serão ainda mais favoráveis.